

Droga e sangue humano: a força dos bandidos armados

por Filipe Ribas (texto) e Américo Miliço (foto)

Numerosos bandidos armados capturados pelas nossas Forças, em declarações à imprensa, têm falado da sua participação em curtos treinos de preparação «militar». No entanto, o termo adequado para o que eles chamam de preparação militar é um adestramento para cometerem os mais hediondos crimes, sem que isso lhes cause qualquer impressão de horror. Apenas aprendem a manejar as armas, que o resto da formação é o consumo da droga, o primeiro assassinato a sangue frio é beber o sangue da primeira vítima. Daí em diante, o bandido armado está apto a participar em qualquer assalto.

O contacto que tive com as vítimas dos diversos ataques levados a efeito pelos bandidos armados em Manhiça, muito me ajudaram a compreender que os crimes eram cometidos por pessoas que, dificilmente, poderiam estar conscientes dos seus actos e levou-me a concluir que só um estado de alienação mental daria ao a tão requintado sadismo.

Qualquer coisa próxima do insínto humanitário está posta de lado no vocabulário dos bandidos. A Silar Mahendra, uma menina de quatro anos, os bandidos armados cortaram, a baioneta, o braço direito. Na altura em que vi esta criança, com alta temporária do hospital de Xinavane, a fim de assistir às cerimónias fúnebres de Rina Mahendra, sua irmã mais velha, de seis anos, assassinada pelos bandidos, o braço dela ainda pendia, incapaz de obedecer aos movimentos que a sua

em suruma do que em outras coisas. Ora, a história que trago para hoje atesta o consumo da «Mandrax», vulgarmente conhecido por «MX», e de outras drogas afins. A história é contada por um bandido armado, recentemente capturado, quando efectua uma missão de reconhecimento e tentava localizar as posições das nossas Forças, a fim de informar aos seus chefes bandidos.

Armando Manuel Nhabanga, é um jovem de boa aparência, boa complexão física, dotado de uma memória extraordinária e que sabe falar de forma a impressionar quem não conheça os «slogans» dos bandidos de arrendimento tardio. Quando fala, dá a entender que a sua actuação no seio dos bandidos foi inconsciente e que permaneceu entre eles por falta de uma oportunidade de fugir. No entanto, Nhabanga foi capturado quando se encontrava só e em missão de reconhecimento, usando a cobertura de miliciano que havia sido antes de se integrar nos bandidos.

Eis a trajectória de Nhabanga. Saiu de Palmeira, onde era miliciano, numa tarde de sexta-feira, e dirigiu-se à aldeia comunal «3 de Fevereiro», a tal que se encontra nas proximidades de Tanninga, local onde os bandidos atacam amiúde. A sua intenção, segundo nos contou, era visitar os pais, a mulher e filho, que viviam naquela zona. Estava já em sua casa, quando um grupo de bandidos armados raptou-o a ele e a toda a família.

Durante vários dias, andaram com eles pela mata, próximo da Estrada Nacional n.º 1, utilizando-os como carregadores dos bens que iam saqueando à população pelo caminho. Numa das paragens, um grupo de bandidos armados violou a mulher de Armando Nhabanga, obrigando-o a assistir à cena. Mais tarde, obrigaram-no a manter relações sexuais com a mulher, à vista do pai, da mãe e dos bandidos. Quando mandaram o pai deste futuro bandido manter relações sexuais com a mulher, em frente da nora e do filho, o velho recusou-se terminantemente. Obrigaram-no a roubar gado, facto que igualmente, recusou.

Em face da teimosia do velho, os bandidos armados decidiram que deveria ser eliminado e atribuíram essa tarefa ao próprio filho. Não a executou. A alguns dias depois de longas caminhadas, deram «MX» a Nhabanga e entregaram-lhe uma pessoa para matar. Após ligeiras hesitações, apunhalou, com uma baioneta, na zona do coração, a sua vítima. Diz-nos ele que «a princípio custou, mas comecei a sentir uma certa coragem e um grande ódio pelas pessoas que se encontravam à minha volta. Quando me deram a ordem de apunhar a pessoa, já estava a sentir o sangue ferver-me. Depois de

apunhar a pessoa com baioneta, não me custou obedecer à ordem de beber o sangue que jorrava pelo peito».

Quando as coisas estavam neste ponto, Nhabanga começou a andar mais nas proximidades dos bandidos do que dos cativos com que havia sido raptado. No dia seguinte ao do primeiro crime, o grupo de bandidos encontrou um camponês, que caminhava só pelas redondezas. Este camponês foi entregue a Nhabanga para ser morto.

«Não me custou nada matar esse homem, porque já estava preparado e habituado a ver o meu punhal atravessar carne humana e nem me impressionava com os gemidos da vítima».

Quando chegaram à base dos bandidos armados, decidiram matar o pai de Armando Nhabanga. Para o efeito, vendaram os olhos a todos os seus familiares e parentes e, encostando o velho a uma árvore, abriram fogo com as suas armas sobre ele. Uma vez morto, libertaram os seus familiares das vendas e obrigaram-nos a contemplar o espectáculo do velho morto, jazendo crivado com uma chuva de balas.

Depois deste assassinato, os familiares do velho receberam ordens para não chorar, pois se o fizessem seriam imediatamente fuzilados. Não choraram, mas como apresentassem semblantes carregados de tristeza, os bandidos obrigaram-nos a rir, a bater palmas e a dançar em frente do corpo empapado de sangue. Fizeram-no, para salvar as suas vidas. Quanto a Armando Nhabanga, já bandido formado, não teve grandes dificuldades de rir e dançar à volta do cadáver do pai.

Já formado e consumindo droga quase todos os dias, Armando Nhabanga iniciou depois a sua carreira de assassino de estrada. Em Tanninga, localidade de que já tivemos ocasião de falar por diversas vezes, o novo bandido participou em três ataques a viaturas civis. Sendo natural e morador da zona, onde também exerceu funções de miliciano, não teve muitas dificuldades em orientar os outros e em colocar-se nas posições mais estratégicas para os assaltos.

Segundo nos contou Armando Nhabanga, os bandidos emboscaram-se na pequena floresta de Tanninga, a menos de 50 metros da estrada, e um deles fica de sentinela, a fim de localizar a distância os carros em movimento e identificar se poderão ou não trazer algo de interesse para saquear. E este o bandido que dá os primeiros tiros contra as viaturas que lutam contra a subida e dá sinal para que os outros se acerquem das suas vítimas.

— Geralmente, um grupo de cinco fogo com as coisas roubadas e com as pessoas que tenham sido raptadas, enquanto um grupo de 10 perma-

neca no local, a fim de cobrir a saída dos outros e distrair as tropas da Frelimo com tiros. Os que vão à frente têm de correr muito e, mais adiante, ficam à espera dos outros num sítio combinado. Era assim que actuávamos — disse-nos Armando Nhabanga.

Depois destas acções todas, Armando Nhabanga recebeu a missão de ir a Incoluane, a fim de fazer o reconhecimento do local, porque a intenção dos bandidos era mudar de acampamento, rumando para essa zona.

— Queríamos um sítio onde não houvesse soldados da Frelimo. Fiquei uma semana na Palmeira, onde me reintegrei nos milicianos, pois já era muito conhecido na zona e não havia problemas. Não houve suspeitas, porque eu disse que me tinha ausentado para visitar os meus familiares.

Armando Nhabanga, que continuava a consumir a droga, que recebera na altura em que saiu do acampamento, resolveu prosseguir o seu trabalho de reconhecimento. Para o efeito, embrulhou o equipamento de miliciano em jornais e foi viajando pelas picadas fora, localizando as posições das nossas forças e procurando um sítio que pudesse servir para a construção de um acampamento dos bandidos armados.

A sua captura deu-se quando, já nas proximidades da Ilha Josina Machel, entrou numa casa, a fim de pedir água para beber. Tratava-se da casa de um miliciano que, suspeitado do embrulho, passou revista ao bandido. Terminava, desta forma, a carreira de mais um criminoso.

BA's atacam autocarro e assassinam quatro pessoas

Quatro pessoas morreram e 34 ficaram feridas, quando bandidos armados atacaram sábado passado um autocarro de passageiros na estação de Tavrira, situada entre as localidades de Maluana e Esperança, no distrito da Manhiça.

De acordo com uma fonte do Estado-Maior General das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), dos feridos 31 foram evacuados para o Hospital Central do Maputo, e os restantes três estão internados no Hospital Distrital da Manhiça.

O ataque teve lugar por volta das 13 horas de sábado quando o autocarro da Empresa de Transportes «Oliveiras», vinha de regresso à cidade de Maputo, proveniente do Chibuto, na Província de Gaza.

A estação de Tavrira, fica a menos de 10 quilómetros de Maluana, localidade onde no passado dia 2, bandidos armados atacaram um autocarro da mesma empresa, repleto de passageiros, assassinando 23 pessoas, entre mulheres, velhos e crianças.

Nesse mesmo dia, um outro autocarro foi emboscado pelos bandidos na localidade de Tanninga, também no distrito da Manhiça. Desse última emboscada foram assassinados quatro passageiros. (AIM).



ARMANDO NHABANGA

dona pudesse desejar efectuar, dando a ideia de que, por um gesto falso nada custaria desprender-se do corpo.

Os mortos do crime da Maluana, nas posições mais esquisitas em que se encontravam, com todo um ar de gente que pudesse esboçar um gesto de vida, estavam tão desfigurados que tudo indicava que muitos deles continuaram a ser baleados, mesmo quando os seus corpos estavam sem vida. Muitos deles apresentavam sinais de terem sido baleados por criminosos que tiveram o sangue frio de encostar o cano da arma às suas vítimas. Entim, muitos outros pormenores de carnificina demonstravam que os bandidos armados não atribuem o mínimo valor à vida de um ser humano.

Já em diversas ocasiões se falou do consumo da droga, que tem sido usual entre os bandidos armados. Nessas ocasiões, fala-se ma-